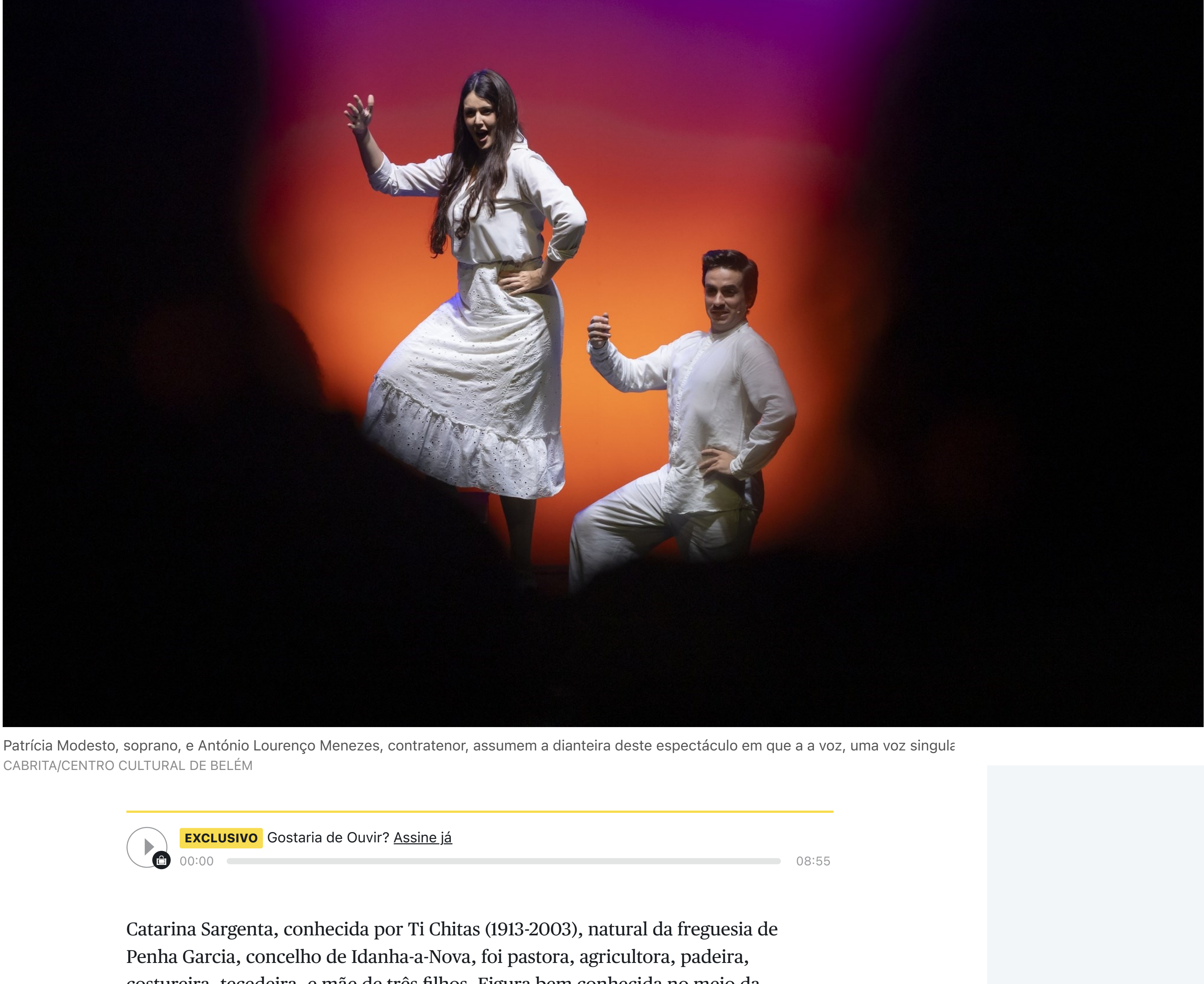


EXCLUSIVO MÚSICA

Ti Chitas, uma ópera para salvar uma voz

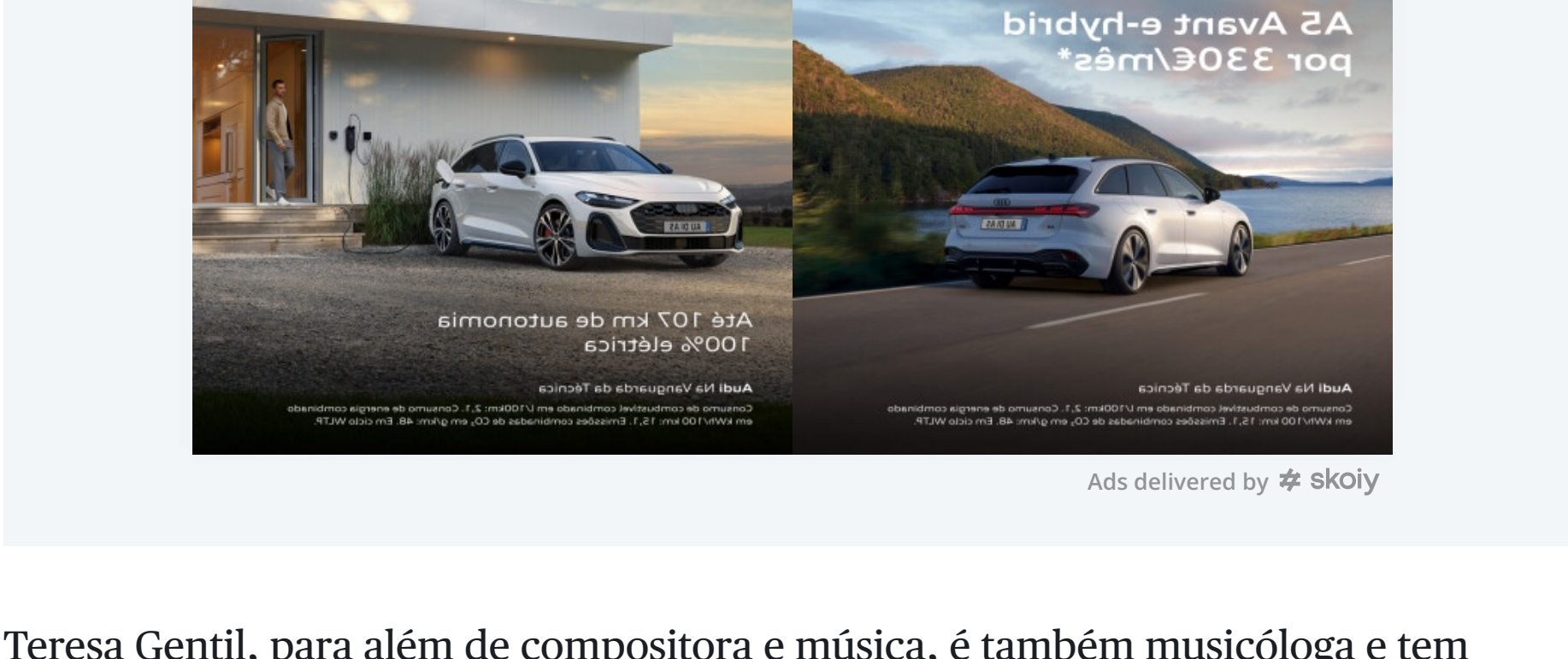
Uma homenagem à adufeira Catarina Sargenta? Um ensaio sobre a voz? Um resgate? *Ti Chitas, A voz que é uma montanha*, em cena no Centro Cultural de Belém, é tudo isso. Mas também é algo mais.

Pedro Boléo
28 de Fevereiro de 2026, 8:36



Patrícia Modesto, soprano, e António Lourenço Menezes, contratenor, assumem a dianteira deste espectáculo em que a a voz, uma voz singular CABRITA/CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Sobre ela fizeram-se trabalhos académicos; a sua voz foi gravada por diversas vezes por etnólogos e musicólogos, e essa voz especial existe em arquivos diversos, para além de se poder encontrar, [aqui e ali, na Internet](#). No [Museu Nacional de Etnologia](#), nos arquivos de Vergílio Pereira, Ernesto Veiga de Oliveira e Michel Giacometti, existem documentos e gravações (áudio e vídeo) do seu canto, da sua vida, das suas histórias.

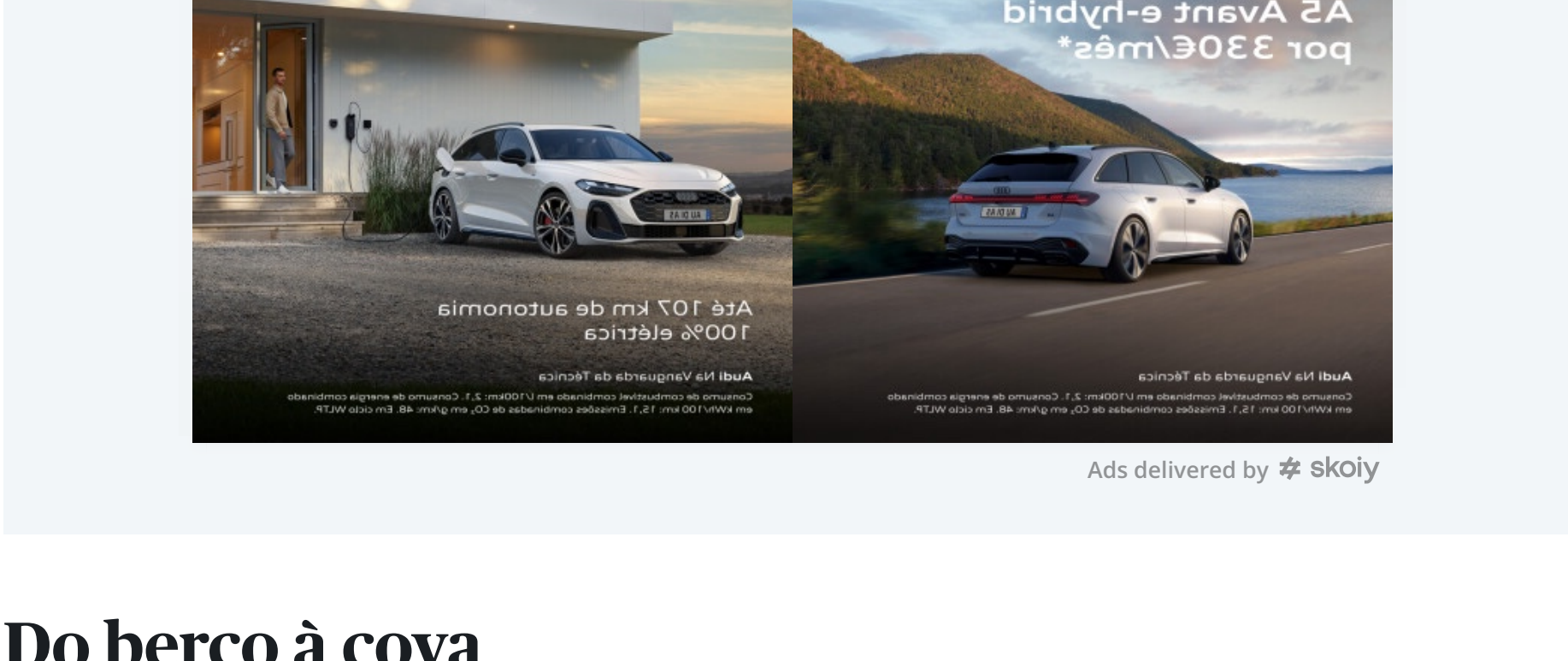


Teresa Gentil, para além de compositora e música, é também musicóloga e tem trabalhado sobretudo em torno da voz. Interessou-se, há uns dez anos, por esta figura e pelo seu espólio, que considera fascinante: “A Chitas, toda ela, é fantástica. A biografia dela, a maneira como ensinou e criou coisas, como modificou tudo o que era tradição naquele lugar, é fascinante. Recebia muito bem as pessoas, em casa, e ficava muito feliz por irem lá gravar. E passava horas a contar histórias e a cantar canções. Deixou ficar um espólio um pouco espartilhado, mas verdadeiramente incrível. É muito impactante o que ela deixa. Merecia esta homenagem.”

Foi então que começou a conceber um espectáculo multimédia, desafiando-se a resgatar Catarina Chitas dos arquivos e a fazer viver de novo a sua voz através dum acto criativo. E se fosse uma ópera? “Este espectáculo é sobre uma pessoa, a Catarina Chitas, mas é também sobre muitas outras mulheres. Tive essa dúvida, se isto ia ser sobre ela ou sobre o cancionero daquela região”, diz-nos a criadora, compositora e encenadora do espectáculo que este fim-de-semana está em cena no [Centro Cultural de Belém](#) (CCB), em Lisboa. E percebeu que tinha de ser ambas as coisas.

“Interessa-me perceber como é que a voz pertence a um colectivo, como é construída culturalmente. Temos a ideia de que é uma coisa inata, que nos revela enquanto ser único, o que é verdade, mas também é verdade que a voz é construída no contexto, e a mim interessa-me muito perceber como é que se constrói e se transmite, como passa de geração em geração um tipo de vocalidade específica”, explica.

Co-produção do Centro Cultural de Belém/Fábrica das Artes, da Associação Questão Delata, da Prolífica – Associação, do Centro Cultural de Lagos e do Centro Cultural Raiano, a ópera-cancioneiro *Ti Chitas* foi apresentada nos dois últimos dias para públicos escolares (em sessões que incluíram conversas com a equipa de criação), e volta este sábado, às 19h, e no domingo, às 17h, a subir ao palco do Pequeno Auditório do CCB.



Do berço à cova

Ao centro, sempre Catarina Chitas, a voz e a vida. Em *Ti Chitas, A voz que é uma montanha* surgem fragmentos da biografia dessa mulher pastora que teve uma vida dura mas sempre acompanhada da alegria do canto e do seu adufe. A dramaturgia desta ópera para todas as idades constrói-se então entre duas dimensões, como nos explica a compositora e encenadora.

RTP



Fragmentos de um Inquérito Musical em Penha Garcia

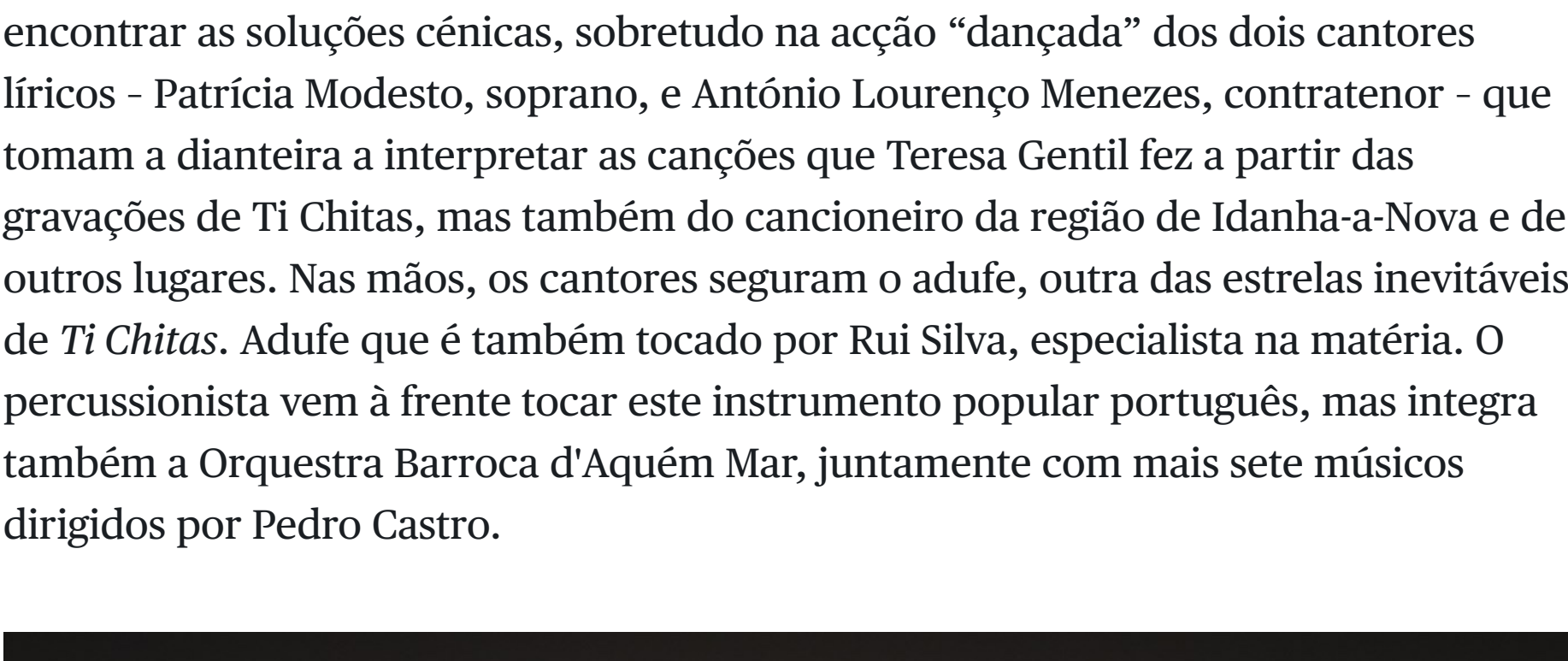
Em Penha Garcia, distrito de Castelo Branco, Michel Giacometti encontra a tecedeira Catarina Chitas, ou Ti Chitas como é conhecida na aldeia. São recolhidos seis cantos da Ti Chitas, sobre a sua vida, o seu trabalho, a sua devoção.

[Ler o artigo no arquivos.rtp.pt >](#)

powered by embed.ly

“Uma dimensão é a biografia da própria Catarina Chitas, que ela nos deixa numa entrevista ao Giacometti em 1972, de 20 e tal minutos, em que fala da dureza da sua vida. Hesitei em usar essa entrevista, porque levanta questões sobre o que é privado e o que não é, mas não quis escapar a isso, porque revela um aspecto importante: de a música ser quase utilitária, de a música salvar. Isso é uma das grandes forças dela. Ela diz: passei muita fome, oito dias sem comer pão, mas cantava, sempre cantando, sempre cantando. E trabalhávamos de sol a sol, mas sempre cantando, sempre cantando. Com um filho em cada braço, mas sempre cantando.”

A outra dimensão, prossegue, é o cancionero popular, e em particular o da região de Idanha-a-Nova: “Tento ir buscar um exemplo de cancionero para cada um dos momentos das nossas vidas, do berço, do trabalho, das festas, das romarias... Do berço à cova”, aponta Teresa Gentil.



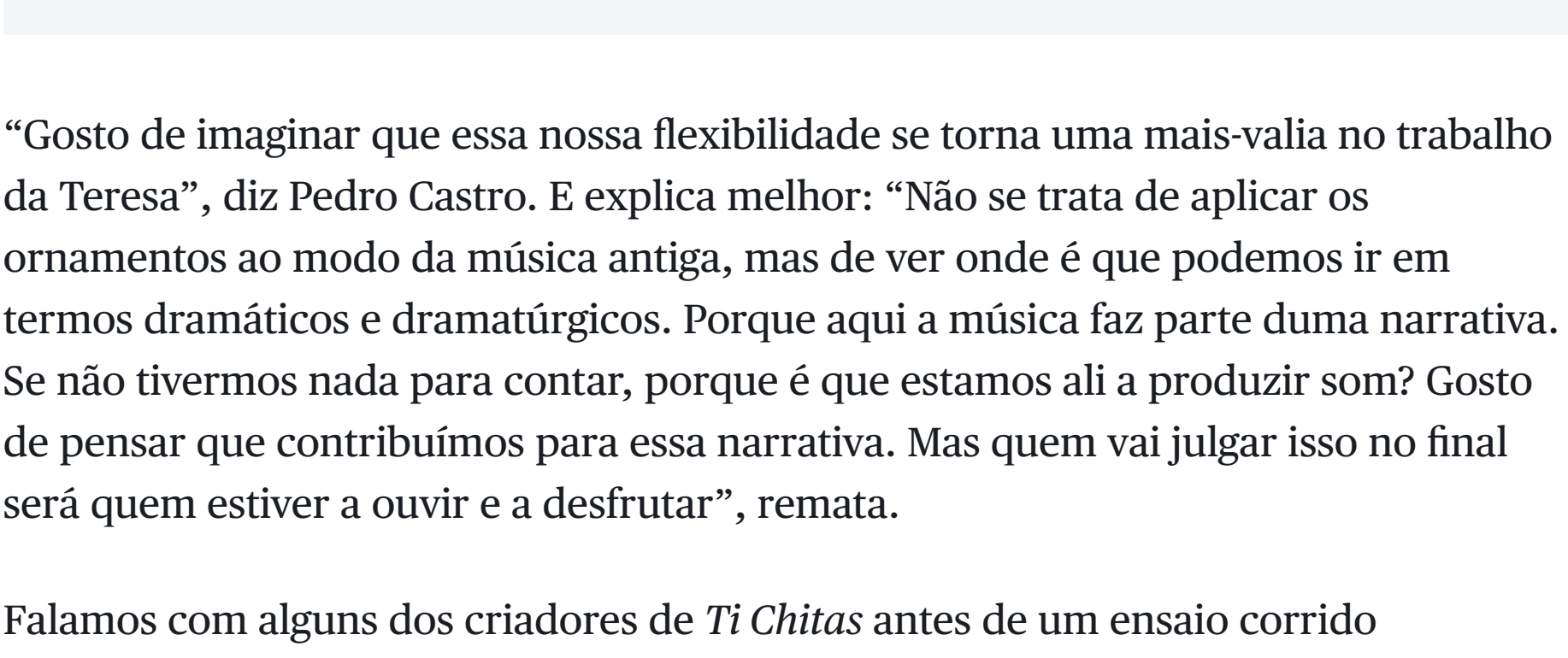
Na encenação, a criadora colaborou com [Lander Patrick](#), coreógrafo que ajudou a encontrar as soluções cénicas, sobretudo na acção “dança” dos dois cantores líricos – Patrícia Modesto, soprano, e António Lourenço Menezes, contratenor - que tomam a dianteira a interpretar as canções que Teresa Gentil fez a partir das gravações de Ti Chitas, mas também do cancionero da região de Idanha-a-Nova e de outros lugares. Nas mãos, os cantores seguram o adufe, outra das estrelas inevitáveis de *Ti Chitas*. Adufe que é também tocado por Rui Silva, especialista na matéria. O percussionista vem à frente tomar este instrumento popular português, mas integra também a Orquestra Barroca d’Aquém Mar, juntamente com mais sete músicos dirigidos por Pedro Castro.



O adufe é outro elemento central deste espectáculo RODRIGO CABRITA/CENTRO CULTURAL DE BELÉM

O director musical explica-nos como se articula uma orquestra barroca com uma linguagem contemporânea numa ópera assim: “Nós emprestamos os nossos instrumentos históricos, instrumentos antigos para uma criação nova. Muitos desafios que nos são colocados na realização desta ópera não estão assim tão longe e tão afastados da nossa linguagem comum, na medida em que na música antiga muitas vezes temos de fazer muito mais do que o que está na partitura sem nos cingirmos ao que está escrito.”

Flautas, violino, violoncelo, contrabaixo, cravo, fagote, oboé e percussão juntam-se a interpretar a música de Teresa Gentil que reinventa, desconstrói e reconstrói canções populares, fazendo-as tocar noutros universos: quase jazz, quase hip-hop, quase música barroca, sempre num gesto contemporâneo, em busca de novas sonoridades para fazer (re)viver a música de Catarina Chitas.

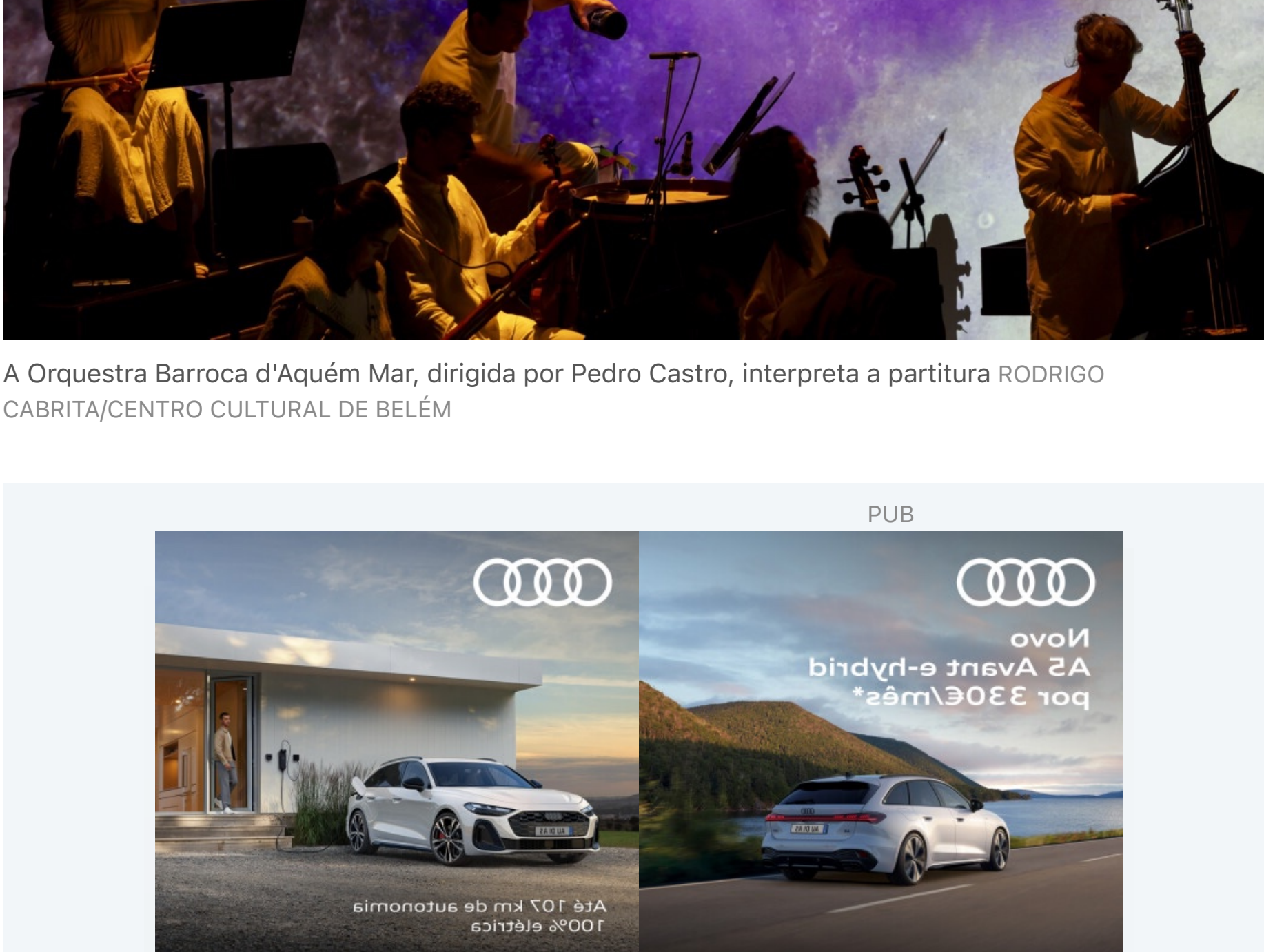


“Gosto de imaginar que essa nossa flexibilidade se torna uma mais-valia no trabalho da Teresa”, diz Pedro Castro. E explica melhor: “Não se trata de aplicar os instrumentos ao modo da música antiga, mas de ver onde é que podemos ir em termos dramáticos e dramaturgicos. Porque aqui a música faz parte duma narrativa. Se não tivermos nada para contar, porque é que estamos ali a produzir som? Gosto de pensar que contribuímos para essa narrativa. Mas quem vai julgar isso no final será quem estiver a ouvir e a desfrutar”, remata.

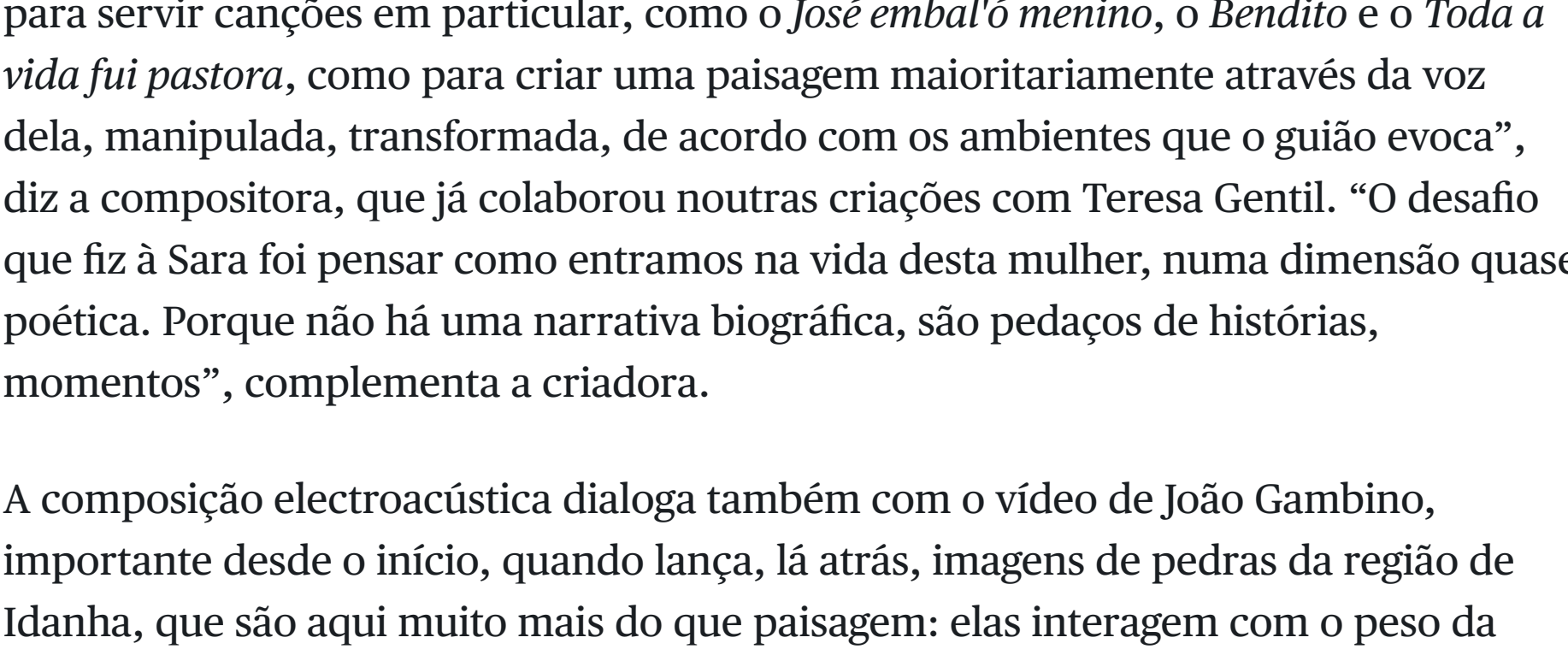
Falamos com alguns dos criadores de *Ti Chitas* antes de um ensaio corrido importante, e sentimos o nervosismo natural numa fase final de preparação do espectáculo. Ali encontrámos também Sara Ross, a sua que se deve uma composição musical electroacústica que acrescenta a esta ópera uma outra dimensão. Catarina, a voz de Catarina Chitas (e integra também outras vozes que a chamam: “Catarina!”), ao mesmo tempo que cria uma série de paisagens sonoras.



Os registos de Catarina Sargenta, a Ti Chitas, que chegaram até nós também são matéria cénica nesta ópera de Teresa Gentil RODRIGO CABRITA/CENTRO CULTURAL DE BELÉM



A Orquestra Barroca d’Aquém Mar, dirigida por Pedro Castro, interpreta a partitura RODRIGO CABRITA/CENTRO CULTURAL DE BELÉM



“A Teresa pediu-me para criar paisagens sonoras para cenas à volta de *Chitas* e para servir canções em particular, como o *José embaló menino*, o *Bendito* e o *Toda a vida fui pastora*, como para criar uma paisagem maioritariamente através da voz dela, manipulada, transformada, de acordo com os ambientes que o guião evoca”, diz a compositora, que já colaborou noutras criações com Teresa Gentil. “O desafio que fiz à Sara foi pensar como entramos na vida desta mulher, numa dimensão quase poética. Porque não há uma narrativa biográfica, são pedaços de histórias, momentos”, complementa a criadora.

A composição electroacústica dialoga também com o vídeo de João Gambino, importante desde o início, quando lança, lá atrás, imagens de pedras da região de Idanha, que são aqui muito mais do que paisagem: elas interagem com o peso da vida e a força da voz de Catarina Sargenta. “Uma imagem poética da imagem que faz um casamento com a música”, comenta sublinha Sara Ross.

Mas o que tem afinal a voz de Catarina Chitas de tão forte? “O tipo de voz que ela usa, sobretudo quando era jovem, é quase lírico, tem momentos de uma limpidez impressionante. Baralha onde estamos. E tem uma sensibilidade ornamental incrível, que não é habitual, mesmo na região”, diz Teresa Gentil.

Uma ópera? Uma homenagem? Um resgate? O espectáculo *Ti Chitas, A voz que é uma montanha* é tudo isso, e algo mais: todos os elementos juntam para reinventar uma voz, resgatar um espólio e mostrar uma vida que, afinal, são muitas. Teresa Gentil espera que o espectáculo possua “tocar qualquer pessoa”. Com vozes, música, cena, vídeo, dança. Ao lado do adufe, sempre cantando.

MAIS POPULARES

- MÉDIO ORIENTE**
Irão responde a que mantém at misséis enqntan necessário
- EXCLUSIVO QUEN**
Exportações pa próximos da Ru desapareceram. Fin Investigam
- EXCLUSIVO GENE**
Serpentes perd "hormona da fo tornaram-se esp jejum

RELAXAR >

- O que fazer? Te Húmus e Franc
- Em Curitiba, en capivaras: *Porto Mundo* de volta
- Quem são os m amadores com seguidores que IPMA?